

## ASPECTOS DA TEORIA E DA METODOLOGIA NA SINTAXE PORTUGUESA

Lélia Erbolato Melo

Sendo a sintaxe um campo amplo e, por isso mesmo atraente, torna-se difícil explorá-lo exaustivamente. Dentro das naturais limitações desse artigo, procuraremos, portanto, apenas esboçar algumas facetas do assunto proposto com o intuito de evidenciar o anacronismo do nosso ensino gramatical em relação ao estudo das funções sintáticas.

### 1. Alguns aspectos da teoria da sintaxe

1.1. A gramática tradicional distinguia oração e frase, fazendo, inclusive, da frase, ora uma oração (frase simples), ora um período (reunião de orações). Com efeito, Eduardo Carlos Pereira, em sua Gramática Expositiva, tece as seguintes considerações:

a) "A sintaxe tem por objeto o estudo da frase. Frase é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser completo ou incompleto. b) A frase de sentido completo se chama oração ou proposição. Proposição, oração ou sentença, é a frase que contém uma declaração formal, constituída por uma ou mais palavras."<sup>1</sup>

1.2. A teoria gramatical antiga via na frase uma reunião de vocábulos com sentido completo. Entretanto, sabemos que, na realidade, a frase pode consistir de um único vocábulo: a) Paremos; b) Sim; c) Fogo! "Não se trata, pois, obrigatoriamente de uma reunião de vocábulos, embora haja sempre implícita uma binaridade, isto é, a conjugação de dois elementos em que um determina o outro: a) ambos no contexto, como em — Paremos; b) um no

contexto e o outro noutro contexto, como em — Sim; c) um no contexto e o outro extralingüístico, como em — Fogo! A segunda parte da definição — "sentido completo" não é também satisfatória, uma vez que não se trata de um sentido completo, mas de um funcionamento autônomo no intercâmbio social."<sup>2</sup> Curioso é observar que essa tradição persiste em gramáticas atuais.

1.2.1. Para Gladstone Chaves de Melo, por exemplo, "a frase pode definir-se como expressão com sentido completo." Logo, toda palavra ou conjunto de palavras que formam sentido completo é frase. Depois de alegar que "oração é frase com estrutura dual", o mesmo autor aprimora esta afirmação do seguinte modo: "Oração é uma expressão lingüística com estrutura dual".<sup>3</sup> No entanto, ao mesmo tempo que admite uma ressalva — "há orações sem sujeito", lembra que, em "chovia muito", o sentido é completo. É uma frase, uma oração, mas uma oração anômala, oração em que todo o enunciado se concentrou no predicado. Finalmente, acrescenta que existem frases que não constituem oração (— So-corrol), há orações que não constituem frases (Eu desejo...).

A esta altura, perguntamos: Nossos alunos conseguirão entender o que é "oração" ou o que é "frase"?

1.2.2. Já Evanildo Bechara, em nossa opinião, simplifica — demais as coisas, porque se limita a um só termo — "oração". Assim, para ele, "a oração é a unidade do discurso e pode ser constituída por uma seqüência de vocábulos ou por um só vocábulo". Portanto, o exemplo — Fogo!, para Chaves de Melo, é uma frase, enquanto que para Bechara, é uma oração.<sup>4</sup>

### 2. Considerações acerca da metodologia na sintaxe

2.1. O procedimento tradicional na sintaxe consistia em identificar as várias partes do discurso por referência às suas supostas funções. Por isso, tem-se apontado como uma das restrições a esse tipo de procedimento a ênfase acentuada numa análise lógica das categorias, que levava, finalmente, a prejudicar os resultados. No tocante à lingüística moderna, constatamos que ela tem sido mais feliz, porque tem procurado vencer os obstáculos mentais criados pelos processos tradicionais. A esse respeito, Pierre Guiraud pondera que "ela estabeleceu o caráter essencialmente alógico da linguagem. Nem por isso o preconceito lógico deixou de pesar na gramática atual, tanto no ensino da língua como na fixação do uso".<sup>5</sup> De fato, encontram-se, ainda hoje, alguns princípios práticos para a localização de sujeito e predicado, do tipo: o predicado comporta necessariamente um verbo; o sujeito pode ser localizado fazendo-se perguntas ao verbo. Ora, ao considerar-se o verbo como palavra principal do predicado, confundem-se, automaticamente, o plano sintático e o semântico.

2.2. O que se depreende, pois, sobre o campo programático do ensino de português, é a necessidade urgente de opção por um critério. Assim, partindo da própria análise da expressão linguística, poderíamos levar o aluno a operar com dicotomias. Esta metodologia não é difícil para o aluno, que dá os primeiros passos no estudo da sintaxe portuguesa, porque não conhece ainda outros procedimentos. Mais difíceis são as técnicas da análise tradicional, que multiplicam a nomenclatura, truncam freqüentemente orações ou, então, confundem critérios. Por isso, um período submetido a essa espécie de exame, mais se assemelha, para nossos alunos, a um campo de batalha, "onde acabam sobrando membros e faltando cabeças".

### 3. Caracterizações correntes das funções sintáticas

Há muito, o estudo das funções sintáticas atrai a atenção daqueles que se dedicam à língua portuguesa. No entanto, com base em pesquisa realizada em gramáticas de língua portuguesa, desde Eduardo Carlos Pereira até autores mais recentes, como Rocha Lima, Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo e Celso Cunha, verificamos que, sob os rótulos de "termos essenciais", "termos integrantes" e "termos acessórios" da oração, as gramáticas escolares apresentam uma classificação divergente, por não ter havido, a princípio, uniformidade no tratamento dos mesmos. Em nossa opinião, o problema se agrava mais, a partir do momento em que eles são abordados como fatos gramaticais isolados, isto é, não integrados no todo, no caso, a língua. Por exemplo: os complementos são estudados simultaneamente na sua relação com verbos, substantivos e adjetivos, não se estabelecendo distinção entre regência verbal e nominal. Como conseqüência, os autores, muitas vezes, ao caracterizarem os "termos da oração", não nos fornecem uma descrição precisa e segura. Insistindo no mesmo ponto, entendemos que isto ocorre justamente porque os critérios adotados para a classificação variam entre os autores. Falta-lhes estabelecer uma hierarquia, por ocasião da utilização de tais critérios. Falta-lhes, portanto, uma sistematização didática, que impediria, finalmente, que a análise sintática se tornasse um "cavalo-de-batalha" para alunos e professores. Ela passaria, então, a ser encarada como uma análise do pensamento expresso pela linguagem articulada, enfim, como "a interpretação dos valores ou das funções sintáticas", consistiria, portanto, em traduzir, em transformar, um processo psíquico intuitivo em processo racional".<sup>6</sup> Tal procedimento evitaria que reflexões contidas nas gramáticas de português nos levassem, algumas vezes, a conclusões como estas:

3.1. As definições de sujeito e predicado, além de serem correlatas, traduzem a reciprocidade existente entre os dois termos

fundamentais e mostram também que o sujeito é o ponto de partida. Desse modo, o sujeito, sob o aspecto sintático, é o termo principal da oração: não está subordinado a outro termo, e o verbo com ele concorda. Por outro lado, o predicado, sob o aspecto semântico, é o termo principal da oração, porque encerra a idéia central, em torno da qual giram todas as outras. 3.2. As gramáticas mais recentes, por sua vez, ora complicam, ora simplificam as explicações dos "termos da oração", quando incluem ou excluem outras noções gramaticais. A título de ilustração, citaremos, inicialmente, a ponderação de Bechara sobre o predicado verbal: "Quando o predicado exprime uma ação que o sujeito pratica ou sofre, o verbo constitui o seu elemento principal".<sup>7</sup> Esta definição pressupõe, como se observa, que o aluno já tenha estudado as vozes verbais, porque se refere ao sujeito agente (1) e ao sujeito paciente (2):

(1) Machado de Assis escreveu belos livros.

(2) Belos livros foram escritos por Machado de Assis. Fato semelhante se repete na gramática de Rocha Lima a propósito do objeto direto, que ele define assim: "O objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal"<sup>8</sup>. Temos, a esta altura, uma amostra de como é complexo o problema da análise sintática, em português.

**Conclusão:** Falta às gramáticas escolares a distinção entre o ponto de vista mentalista e o ponto de vista lingüístico. A especulação abstrata deveria ser substituída pela análise baseada no funcionamento lingüístico. Tal procedimento permitiria ao aluno manipular a frase, e esta manipulação o levaria à descoberta das propriedades lingüísticas desta ou daquela estrutura, enfim, das riquezas subjacentes. Desse modo, o chamado "ensino intuitivo", hoje ainda praticado no domínio da língua portuguesa, não se limitaria, no que se refere à análise sintática, a reconhecer apenas esta ou aquela função. Os procedimentos lingüísticos envolvidos na estrutura estudada entrariam, pois, em cogitação.

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. PEREIRA, E. C. — Gramática expositiva. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938, p. 207.
2. CÂMARA, Jr., J. M. — Princípios de Lingüística Geral. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1964, pp. 163-4.
3. MELO, G. Ch. de — Gramática fundamental da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1970, pp. 18-21.
4. BECHARA, E. — Moderna gramática portuguesa. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1970, pp. 239 e 242.

5. GUIRAUD, P. — *La grammaire*. Paris, P. U. F., 1967, p. 10.
6. MELO, G. Ch. de — *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1957, p. 189.
7. BECHARA, E. — *op. cit.*, pp. 249-250.
8. LIMA, C. H. da R. — *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo, Livr. José Olympio, 1972, p. 209 e pp. 212-224.
9. CUNHA, C. F. da — *Gramática do Português Contemporânea*. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares, 1970.

TERMOS DA ORAÇÃO

EDUARDO C. PEREIRA	ROCHA LIMA	CELSO CUNHA	BECHARA	CHAVES DE MELOR
OS ELEMENTOS DE UMA PROPOSIÇÃO, SEU OS SEUS MEMBROS EM NÚMERO DE TRÊS.	TERMOS BÁSICOS DA ORAÇÃO	TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO	TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO	TERMOS DA ORAÇÃO FUNÇÕES ESSENCIAIS
sujeito predicado complemento	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal ou misto	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal	sujeito predicado: verbal nominal verbo-nominal	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal
predicado: gramatical nominal verbal adverbial	TERMOS INTEGRANTES	TERMOS INTEGRANTES	CONSTITUIÇÃO DO PREDICADO VERBAL	FUNÇÕES ACESSÓRIAS
complementos essenciais: objetivo * terminativo	complemento nominal complementos verbais: objeto direto objeto indireto complemento relativo complemento circunstancial agente da passiva	complemento nominal complementos verbais: objeto direto objeto indireto agente da passiva	verbo intransitivo verbo transitivo complementos verbais: objeto direto objeto indireto	adjuntos: adnominal aposto adverbial aposto circunstancial
complementos acidentais: atributivo e circunstancial.	TERMOS ACESSÓRIOS	TERMOS ACESSÓRIOS	COMPLEMENTOS NOMINAIS	SUBFUNÇÕES
	adjunto adnominal aposto adjunto adverbial	adjunto adnominal adjunto adverbial aposto	ADJUNTOS adnominal adverbial AGENTE DA PASSIVA APOSTO VOCATIVO	complementos verbais: objeto direto objeto indireto proposicionado objeto indireto agente da passiva complemento nominal complemento predicativo: do objeto do sujeito
				APOSTO DE ORAÇÃO OU PERÍODO VOCATIVO